SEMPRE PRONTO

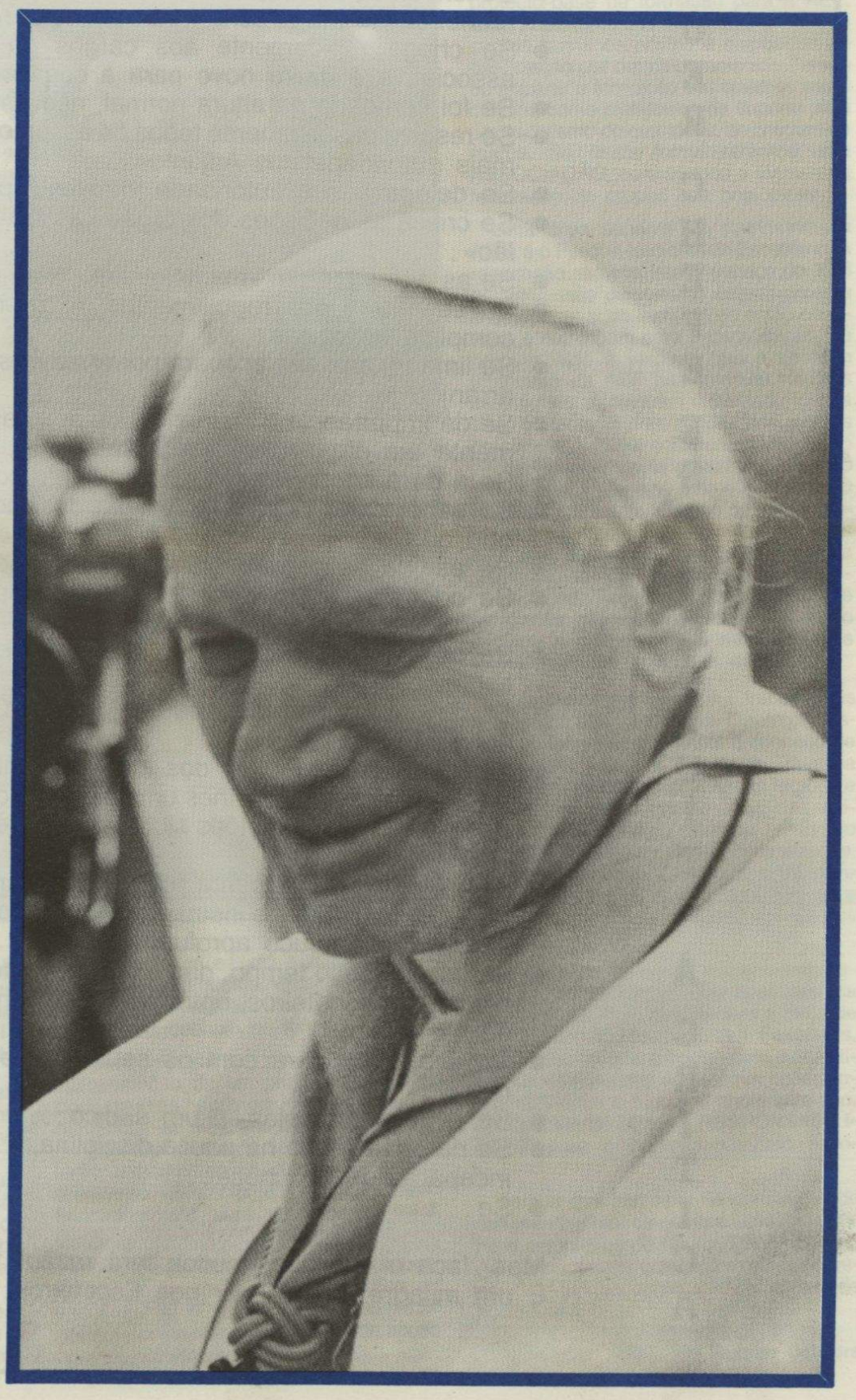
Mensário – Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Travessa das Galeotas, n.º 1 – 1300 LISBOA

PORTE PAGO

ANO XLI

Número 489/90
Out./Nov. 86

Avulso: 80$00



JOÃO PAULO II

UM PAPA ESCOTEIRO

QUALQUER CHEFE ESTÁ SUJEITO À CRÍTICA

- Se acaba de assumir a chefia, é-lhe necessário algum tempo para bem conhecer o seu Grupo . . .
- Se está a chefiar o Grupo já há algum tempo, está na altura de se ir embora . . .
- Se tem ao activo, esteve muito tempo afastado do Movimento . . .
- Se tem uma certa experiência de Escotismo, adquiriu hábitos rotineiros far-lhe-á bem voltar ao curso de chefes . . .
- Se chega rapidamente aos cargos de responsabilidade associativa é muito novo para a sua nomeação . . .
- Se foi nomeado na altura normal, não é nenhum génio . . .
- Se resolve pessoalmente todos os assuntos, deveria delegar mais autoridade nos Adjuntos . . .
- Se delega a sua autoridade, não está para se ralar . . .
- Se critica as decisões dos órgãos associativos, é um «refilão» . . .
- Se as aprova, é um «manteigueiro», sem personalidade . . .
- Se se agarra aos regulamentos, não tem vistas largas e complica as coisas . . .
- Se lima as arestas, acabará por arranjar sarilhos, se não os arranjou já . . .
- Se dá importância à instrução dos seus escoteiros, é certamente em prejuízo da administração . . .
- Se a dá à administração, está a falhar como animador . . .
- Se sabe tomar rapidamente uma decisão, é um impulsivo que não pensa nas consequências . . .
- Se estuda as consequências, é um indeciso . . .
- Se controla com minúcia o trabalho dos seus adjuntos e escoteiros, não confia neles . . .
- Se os deixa actuar, não se interessa pelo seu trabalho e estimula o seu desleixo . . .
- Se ouve a opinião dos seus adjuntos e Guias de Patrulha, deixa-se dominar . . .
- Se discute as ideias dos seus adjuntos e escoteiros, desencoraja-os, ando-lhes um complexo de inferioridade . . .
- Se exige que as questões sigam a vida hierárquica, torna-se inacessível . . .
- Se os atende livremente, cai na familiaridade . . .
- Se os seus estudos e instrução dada são curtos, os assuntos tratados são pouco aprofundados . . .
- Se duram muito tempo, não dá valor à inteligência dos seus adjuntos e escoteiros, entrando em detalhes e fazendo-lhes perder tempo . . .
- Se é paterno para com os seus escoteiros, acostuma-os mal . . .
- Se é duro com eles, é um sádico . . .
- Se na sua divisão há pouca disciplina, é um reflexo da sua incapacidade de chefia . . .
- Se . . .

Mas, faça o que fizer, nunca terá razão!
É um milagre ainda estar nos Escoteiros . . .

ESCOLHER ENTRE O TRIGO E O JOIO



Perto do fim do ano, a Associação será de novo chamada a decidir sobre o seu futuro, escolhendo em Conferência Nacional, a Chefia Nacional e a Direcção para o próximo mandato.

Com eleições à porta, é legítimo realizarmos uma reflexão antes da importante escolha dos principais animadores da vida associativa.

Urge que pela primeira vez surja um Chefe Nacional e Presidente da Direcção com uma linha de acção comum, visando atingir objectivos consonantes. As habituais «guerrinhas» entre órgãos nacionais devem cessar-fogo.

Por outro lado, a apresentação atempadamente do programa de acção para o mandato, permitirá aos representantes dos grupos um estudo e reflexão sobre cada equipa proposta, evitando assim as já habituais votações menos reflectidas, efectuadas debaixo de tensão.

Ainda importante, parece-me ser, a apresentação de um projecto financeiro, com metas económicas a atingir, definindo- -se à partida as traves mestras da vida económica da AEP. Dado o excelente trabalho, desenvolvido pelo actual tesoureiro, estou crente que este projecto financeiro não será uma tarefa muito difícil.

Ao nível da Chefia Nacional, é importante que se realize um diagnóstico do escotismo da AEP, pois só desta forma se poderá apresentar um programa de acção com objectivos reais.

É certo que uma das principais prioridades será a formação de dirigentes. É premente a constituição de uma equipa de formadores nacionais, trabalhando num projecto-base de formação para a AEP. Será importante que se aproveitem os recursos humanos postos à disposição da associação por outros organismos. Temos de encarar a formação dos quadros associativos como plataforma de suporte para um escotismo de qualidade, de imagem de marca. Só desta forma seremos uma ASSOCIAÇÃO, contrariando a fórmula da federação de grupos que hoje existe.

Uma área sensível do património da AEP, é o Parque Nacional de Escotismo. A realização recente nesse espaço do XVII ACNAC, veio demonstrar objectivamente o quanto as suas instalações estão obsoletas e caminham para a degradação. Se por um lado é verdade que a situação financeira da AEP não permitiu maiores investimentos, também é verdade que, a Chefia Nacional e os grupos das regiões de Lisboa, Setúbal e Estremadura, pouco se interessaram pela gestão e animação do magnífico espaço que é o PNEC. O Parque tem que ser objecto de estudo pelos futuros responsáveis nacionais pois este tem de ter um importante papel na animação da AEP, nos campos da formação e treino. Temos que dotar o PNEC de estruturas, que revivam a fórmula «Campo Escola» e que possibilite aos escoteiros incentivos para uma nova visita.

Não menos importante é o trabalho das regiões na vida associativa. Devemos destruir de uma vez por todas o conceito de associação ligado a Lisboa (à Travessa das Galeotas) e ligá-lo antes às regiões e aos grupos. Só o trabalho activo das regiões e grupos poderá alicerçar a AEP do futuro. A linguagem de descentralização, iniciada pela actual Chefia nacional, deve ser continuada. A Chefia nacional serve enquanto suporte das acções das regiões e grupos.

Precisamos de eleger responsáveis associativos nacionais, conhecedores da realidade da AEP, que tenham a força de transformar **Impossíveis** em **Possíveis,** detentores de toda a frontalidade e objectividade. Precisamos de escolher conscientemente entre o trigo e o abundante joio. Precisamos de eleger a **RESPONSABILIDADE** para o próximo mandato associativo.

Temos que participar na construção de um movimento de jovens, sem medos, nem complexos do futuro. Temos de eleger responsáveis que façam cumprir o papel da AEP, na construção da sociedade portuguesa.

Ricardo Coimbra

CEE APOIA PROJECTOS CRIADOS POR JOVENS



A Comissão das Comunidades Europeias, no âmbito das actividades em favor dos jovens, pretende prosseguir, durante 1986, a sua política de concessão de pequenos subsídios destinados a auxiliar e desenvolver iniciativas de jovens, isto é, projectos criados e geridos por jovens para jovens.

Nos últimos anos a Comissão tem financiado, a título experimental, uma série de iniciativas, principalmente no domínio da informação, nas quais os jovens desempenharam um papel relevante na concepção e execução dos projectos. A Comissão apoiou também a organização de uma série de seminários que reuniram jovens, políticos e jovens profissionais que lidam com a Juventude, para discutir sobre as necessidades de informação dos jovens.

Há provas suficientes que sugerem a existência de um elevado número de jovens que desejam tomar a iniciativa de desenvolver projectos que não são só construtivos e interessantes para eles próprios, como podem também e principalmente ajudar outros jovens. A Comissão pretende apoiar este movimento para uma participação activa da Juventude. Propõe-se igualmente continuar a apoiar a participação de jovens em iniciativas das comunidades locais, projectos de auto-ajuda, baseados na informação e consulta, bem como a proporcionar a formação e o acesso aos meios técnicos de comunicação, especialmente os que recorrem a novas tecnologias. Será também dado apoio a acontecimentos ou exposições organizadas por jovens que alertem a opinião pública e os meios de comunicação social para as iniciativas de jovens.

Para que os projectos possam ser financiados pela Comissão, deverá ser preenchido um formulário, fornecido pela Comissão das Comunidades Europeias — DGV — Direcção de Educação, Formação e Política de Juventude ao cuidado de Ms. Margaret Brusasco-Mackensie DG V/C/1 200 rue de la Loi B-1049 Bruxelas, Bélgica (telefone: Bruxelas 32.2-235.54.30 ou 235.92.38).

CURSOS DO FAOJ

O Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, como habitualmente acabou de lançar o Programa Anual de Formação, que inclui a realização de Cursos de Iniciação.

Atendendo às inexistências iniciativas de formação, promovidas a nível associativo, estes cursos são uma excelente ocasião para os dirigentes e caminheiros se iniciarem e aprofundarem conhecimentos em diversas áreas.

Os cursos, proporcionaram conhecimentos em áreas como a fotografia, técnicas de comunicação, espeleologia, cinema, expressão musical, vídeo, teatro, actividades de ar livre, fantoches, entre outras.

Os cursos são ministrados pelas 19 delegações regionais de FAOJ, e podem ser candidatos:

— Qualquer indivíduo maior de 18 anos, respeitando-se a seguinte prioridade de selecção;
— Jovem dirigente associativo ou responsável poractividades em meio associativo;
— Adulto responsável por actividades dirigidas aos jovens em meio assocativo;
— Jovens que integram grupos informais ou núcleos associativos e que pretendem realizar projectos no âmbito da acção a que se candidatam;
— Outros jovens.

Aos cursos de iniciação poderão ainda ser admitidos jovens menores de 18 anos desde que a sua prática associativa o justifique ou possam experiência na respectiva área.

C.N.J. LANÇA BOLETIM INTERNO

O Conselho Nacional de juventude, lançou um boletim informativo para consumo interno. Ele é o espaço de encontro das iniciativas das organizações que integram o CNJ. Da responsabilidade do Departamento de Relações Públicas, o boletim interno é apresentado em formato A4 e fotocopiado.

Na sua última edição, a oitava, os movimentos escotistas e guidista marcam o seu destaque, com artigos sobre o Acampamento Nacional da AEP, o Congresso do Escotismo Católico do CNE e um trabalho sobre uma iniciativa das Guias de Portugal.

Refira-se ainda que na contra-capa é reproduzido o cartaz da campanha de protecção e vigilância de incêndios nas matas e áreas protegidas.

Para o futuro, já está na manga, o projecto de uma revista, mas para consumo externo, dedicada aos jovens portugueses.

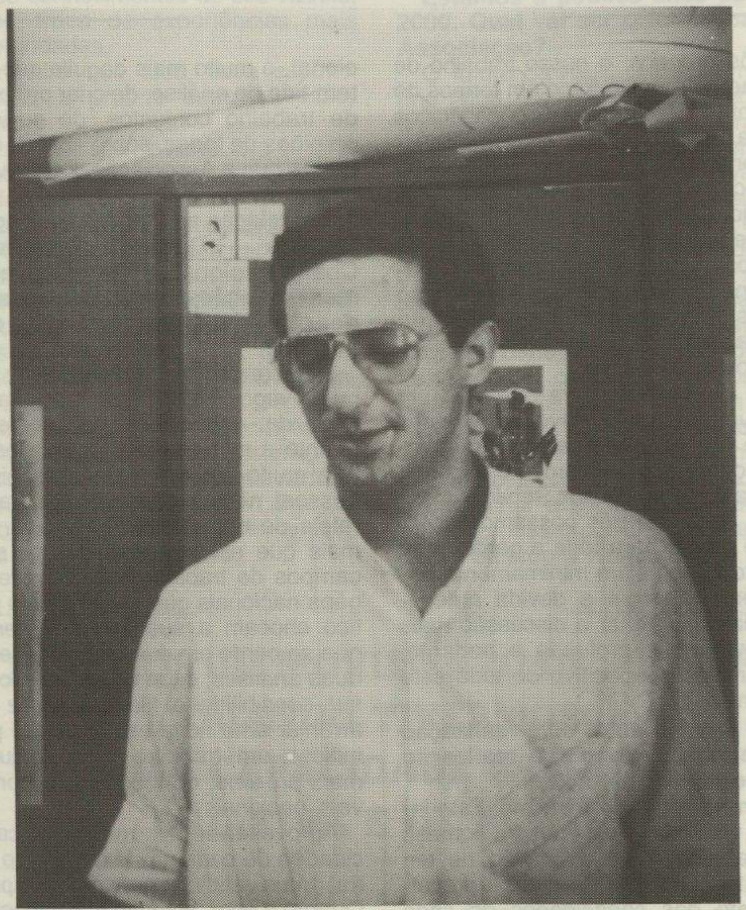
Ainda «SP» apurou que em estudo estão uma série de programas televisivos, da responsabilidade do Conselho Nacional de Juventude.



Balanço final do trabalho da Chefia Nacional, formação de dirigentes, incompetências, AEP no ano 2000, estes alguns dos temas abordados com o dirigente Paulo Cocco Martins, responsável pelo Departamento de Actividades da Chefia Nacional.

No fundo, uma visão da AEP pelos olhos de Paulo Cocco, o dirigente mais jovem que até hoje se sentou nas cadeiras da Chefia Nacional.

entrevista: **Ricardo Coimbra**



TEMOS QUE PENSAR SERIAMENTE NO PROFISSIONALISMO

Próximo do final do mandato da Chefia Nacional, que balanço fazes da tua acção?

Como balanço final, referia que quando cá cheguei pouco havia. Havia um passado de acampamentos nacionais e pouco mais. Todo o meu esforço, através das actividades realizadas e mesmo as não realizadas eram no sentido de transmitir a mensagem de que, muito há a fazer no âmbito das actividades nacionais e regionais. O que se pretendeu foi fazer uma descentralização das actividades. Que a AEP ocupasse ou desse maior relevância a actividades regionais, e a Chefia Nacional apoiasse e ajudasse a desenvolver as capacidades das próprias regiões. Como avaliação referia que nem tudo foi feito, mas penso que foi positivo. Há hoje mais gente preocupada com o que se deve e como se deve fazer na área das actividades, nomeadamente com projectos a nível regional. A regionalização é recente e existe muito a fazer. Mas há ainda um maior espírito de entreajuda e de maior esforço a nível regional e nacional.

Recentemente sucedeu o XVII ACNAC. Tu foste o principal responsável. Que balanço gostarias de fazer?

O ACNAC é sempre um acontecimento importante da vida associativa. Este acampamento trazia um passado muito conturbado. Como tu sabes existia um projecto que foi posto de lado em Novembro do ano passado, portanto seis meses antes teve que aparecer um projecto novo. Resolvi arriscar, aproveitando o nacional para transmitir novas mensagens, novas hipóteses de actividades, novas características de acção. Arriscar na própria estrutura do campo. Isso foi feito. Constatou-se no entanto, muita falta de preparação por parte da Chefia Nacional, não obstante a falta de participação por parte dos grupos. Houve mesmo dirigentes que se inscreveram à última da hora, não nos permitindo saber em concreto quantos dirigentes iriam estar em campo. Era difícil fazer algo de novo sem ter uma boa base de trabalho.

Foi feito um esforço para que o acampamento fosse até ao fim. Houve aspectos positivos, outros negativos. Há que aprender com os aspectos negativos, para que não voltem a suceder.

É de realçar o excelente trabalho dos dirigentes mais jovens durante o ACNAC. Este foi o ACNAC em que a participação pertenceu a um nível etário muito jovem. Foram estes que permitiram o bom decorrer do acampamento.

É de lamentar que uma actividade deste tipo, não recolha uma participação uniforme da Associação e mais uma vez as próprias regiões, os próprios se coloquem de lado, face a um acontecimento que diz respeito a todos nós.

Uma questão bastante objectiva que esteve latente no ACNAC, foi a degradação e insuficiências com que as instalações do PNEC, responderam ao acampamento nacional. Não se assistiu ao longo do mandato, a um olhar e a um acompanhar do parque para o transformar em algo de futuro. Porquê?

É um facto que a Chefia Nacional tem responsabilidade nisso, e a própria Direcção Nacional, mas também é um facto que a própria Associação vive numa situação financeira bastante apertada, que não permite de um momento para o outro equipa o PNEC devidamente.

Ao nível da Chefia Nacional e Direcção Nacional é difícil fazer um trabalho sozinho, teremos que contar sempre com uma Associação, com todos os seus grupos. Se não existir uma identificação global, os resultados serão muito mais difíceis de aparecer, a nossa força de pressão será diminuta.

O protocolo das Secretarias de Estado da Juventude e da Secretaria de Estado do Ambiente, foi o projecto novo deste ano. Participaram nele cerca de um milhar de escoteiros. Que importância teve o protocolo para a AEP?

Este foi o primeiro trabalho que se fez de âmbito nacional nesta área. Foi um trabalho de grande impacto das 3 associações.

No tocante à AEP, ninguém acreditava que conseguissem dar resposta a esta iniciativa, no entanto, o programa foi conseguido com um excelente nível. Este, respondeu essencialmente à vontade dos seniores, sentindo-se úteis à comunidade. Este foi o ponto forte da resposta da nossa associação.

É importante para a AEP, colaborarmos neste tipo de programas, porque insere-se numa área potencial em que poderemos agir e podemos abrir certas facilidades na utilização de zonas protegidas para actividades nossas, embora estando isto dependente da dinâmica da AEP, para apresentar projectos concretos aprofundados e objectivos.

São entidades que estão dispostas a colaborar com os escoteiros. As grandes falhas têm sido mais do lado dos escoteiros, que nem sempre ou raramente apresentam projectos concretos daquilo que querem fazer e conseguem assumir as responsabilidades desses projectos.

Agendada já para perto do fim do ano, nos dias 29, 30 de Novembro e 1 de Dezembro, surge o Indaba Nacional. O que é que se pretende com este encontro de dirigentes?

Bom, na linha de actuação que tem sido a linha da área de actividades, pretende-se acima de tudo, pôr as pessoas a discutir projectos concretos, a analisar questões fundamentais da nossa vida associativa com o pensamento numa evolução positiva do nosso Movimento. Vamos pôr essas pessoas a discutir e a analisar em conjunto. Acima de tudo, pretende-se que haja um trabalho de conjunto de base. Alertar as pessoas para realidades que muitas vezes são esquecidas. Já decorreram 75 anos e pouco temos na Associação para mostrar.

O NOSSO TRABALHO DE MOMENTO É MUITO FRACO EM TERMOS DE JUVENTUDE, E, EM TERMOS PEDAGÓGICOS É MUITO MAIS

Nós próprios, o nosso trabalho de momento é muito fraco em termos de juventude, e em termos pedagógicos ainda mais.

Portanto, há que criar um espírito associativo, há que alterar para a necessidade de uma análise concreta e, consequentemente, apresentação de propostas daquilo que deve ser o Movimento. Essa resposta não passa só pelos órgãos nacionais, tem de passar por toda umaassociação, a todos os seus níveis.

Eu penso que, para que haja um aproveitamento positivo deste Indaba, é preciso que apareçam propostas concretas, devidamente escritas, com antecedência nos Serviços Centrais, para que nós possamos divulgar e enviar para toda a gente, para que todos estejam minimamente documentados com a devida antecedência para tornar a discussão mais positiva, mais profunda e portanto, retirar algo de positivo de todo este encontro.

Há ligação entre esta realização do Indaba e, depois, a realização da Conferência Nacional?

Bem, a ligação não existe. Este Indaba visa criar a tal pausa e começo de trabalho, para a criação de um espírito deconjunto e maior aproveitamento das capacidades de cada um. A Conferência Nacional tem o seu espaço próprio. No entanto, uma mensagem que desejava transmitir, é que de forma alguma concordo com a maneira como têm sido feitas as Conferências Nacionais. Gostaria que de futuro, as Conferências Nacionais tivessem um certo tempo de análise, que as pessoas fossem lá para discutir problemas concretos com suficiente objectividade que se desdramatiza a votação.

Concretamente, penso que talvez este Indaba pudesse ser, daqui a uns anos, não um Indaba mas uma Conferência Nacional, aproveitando estas bases de trabalho, com temas concretos para discussão, com tudo o que deve ter uma Conferência Nacional, e muito mais daquilo que não tem tido de análise, de criar projectos de trabalho conjuntos, de ouvir as opiniões de todos, sobre acções concretas que a Associação pode levar a cabo.

Em relação ao mandato que agora termina — Direcção Nacional e Chefia Nacional — houve em algumas situações, uma bipolarização de objectivos ao nível dos dois órgãos?

Em termos de objectivos talvez seja muito vago trabalharmos todos para o bem da Associação. O problema, quanto a mim, passa por uma estrutura muito própria. Na minha opinião pessoal, não concebo a existência paralela de dois órgãos nacionais. Por mais que estejam definidos os seus campos de trabalho, são sempre órgãos nacionais que num aspecto prático chocam a sua acção. É tempo que se perde em duas reuniões, entre duas análises, cada uma delas com a sua sensibilidade. Haveria talvez que arranjar uma nova estrutura que permitisse um trabalho mais conjunto, mais próximo, de todos os responsáveis nacionais.

Aproveitar-se-iam melhor as capacidades de cada um, e o trabalho seria mais eficiente e mais rápido. Quanto a mim, acredito nas capacidades de cada um, há principalmente um erro de estrutura.

Na tua opinião, Paulo, o que é que faltou na formação de dirigentes?

O que é que faltou? Em primeiro lugar, faltou o espírito aberto de cada um a essa formação. Há quem diga e eu subscrevo, que a Associação mais parece uma federação de grupos. Eu diria que muitas vezes vivemos ainda no tempo do feudalismo. Cada um manda no seu território e está-se nas tintas para o que está ao lado, e nem sequer saber daquilo que ele pensa. Ora, terá que haver o espírito aberto das pessoas a aprender novas técnicas, a saber como trabalhar, aproveitar os conhecimentos do seu vizinho, numa troca de experiências mais aprofundadas.

NÃO CONCEBO A EXISTÊNCIA PARALELA DE DOIS ÓRGÃOS NACIONAIS

Primeiro que tudo, esse espírito. Depois, a própria estrutura associativa.

E aí, a Chefia Nacional terá as suas responsabilidades, na própria dinâmica dos cursos, na sua própria calendarização, no seu conteúdo.

E há formadores com capacidade para darem esses cursos?

Se hoje não há formadores com capacidade, isso também parte dum passado associativo, do qual eu, como membro da Chefia Nacional, tenho que assumir as minhas responsabilidades. A própria Associação no seu conjunto tem que as assumir. Temos é que trabalhar, para que no futuro isso não volte a suceder. Cria um certo vazio que se reflecte anos e anos na vida associativa.

Uma das conquistas deste mandato, que a nossa proximidade ao Conselho Nacional de Juventude, foi um assumir das responsabilidades associativas no horizonte juvenil português.

Que pensas tu disso?

É importante em termos de juventude, e a nós, enquanto associação juvenil, participar no esforço conjunto com outras organizações, para a criação de plataformas de actuação. É uma acção construtiva em prol da sociedade, na qual nós, como organização escotista, temos responsabilidades, e como um dos maiores movimentos do País, ainda mais responsabilidades temos.

É muito proveitoso, tem sido muito útil, esse contacto com outras opiniões, com outros movimentos, com outros objectivos. penso que é de saudar que a AEP tenha trabalhado desde o início da própria constituição do Conselho Nacional de juventude. Enfim, as responsabilidades também são maiores, teremos de mostrar o nosso trabalho e mostrar a nossa utilidade à sociedade. Aí as coisas já se complicam, porque há um conteúdo e não só, uma responsabilidade interna dos próprios objectivos.

Estamos a poucos anos do ano 2000. Qual vai ser o futuro para a Associação?

O futuro da AEP. O Escotismo no ano 2000. Bem, acho que temos de agarrar os nossos princípios, ganhar a tal dinâmica que nos permita alterar, as nossas propostas educativas, a nossa proposta pedagógica consoante a evolução dos próprios jovens e das crianças. Teremos em termos de estrutura associativa de pensar muito seriamente nas áreas económicas, no profissionalismo. Porventura isto só será realidade quando conseguirmos trabalhar em conjunto. É impossível meia dúzia de génios fazerem uma Associação ou um Movimento jovem.

Terá que ser um trabalho conjunto. Por outro lado, essa capacidade de acompanhar a evolução dos tempos terá que passar por uma desdramatização da própria hierarquia que é útil,

SEREMOS UM MOVIMENTO DE JOVENS QUANDO TIVERMOS UMA CAPACIDADE CRÍTICA, CRIATIVA E DE ACÇÃO

que deve existir, que faz parte da nossa organização, mas de um à vontade, duma compreensão de todos os dirigentes da sua função de animadores de jovens, de animadores de juventude e principalmente de pedagogos. Trabalham para a educação, para uma formação dos jovens, para uma formação integral. Temos de ter bastante consciência desses problemas. Uma das principais áreas-chave será a da formação de dirigentes.

A AEP é um movimento de jovens?

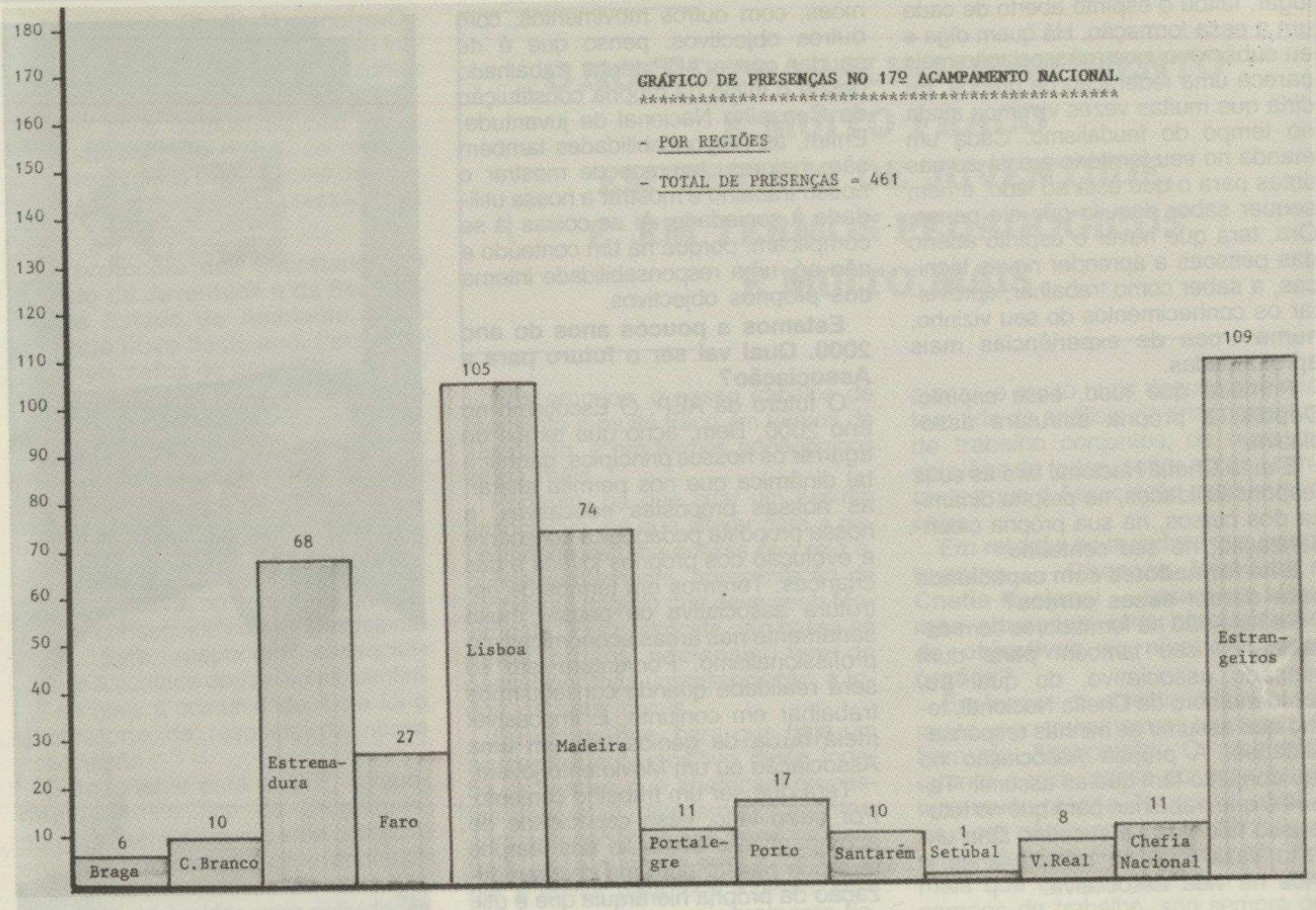
Bom, isso é uma questão muito difícil. Não definindo a juventude ou o jovem numa barreira etária, mas sim num espírito jovem, a questão ainda se torna mais difícil. Se, por um lado

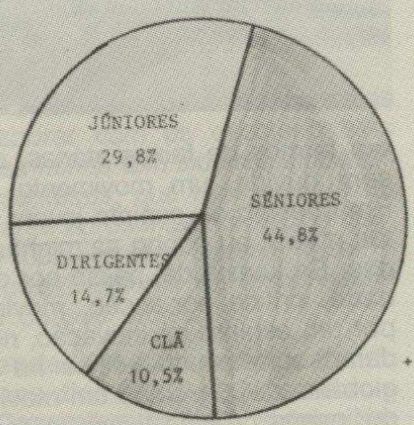


em termos de faixas etárias, somos, sem dúvida, um movimento jovem. Em questão de espírito jovem a muitos níveis, eu ponho as minhas dúvidas. Se juventude, passa por criatividade, crítica, por acção, movimento, por um espírito de inovação, nós andamos um pouco velhos na nossa globalidade. Seremos um movimento de jovens quando tivermos essa capacidade crítica, criativa e de acção.

Sendo um movimento com responsabilidades pedagógicas, teremos que ter a velocidade suficiente para adoptar o nosso programa e a nossa proposta pedagógica — que se mantém actual nos seus princípios e que se irá manter com o evoluir da sociedade e adequá-la ao próprio momento num mundo hoje em dia em que as próprias gerações cada vez se transformam e se passam em menor curto espaço de tempo, essa velocidade, essa capacidade de nos actualizarmos terá que ser maior.

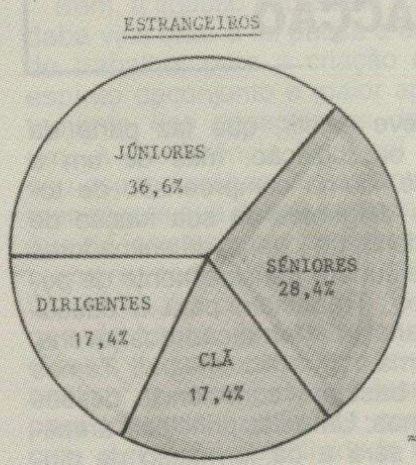
Teremos que ganhar a dinâmica adequada a essa evolução.

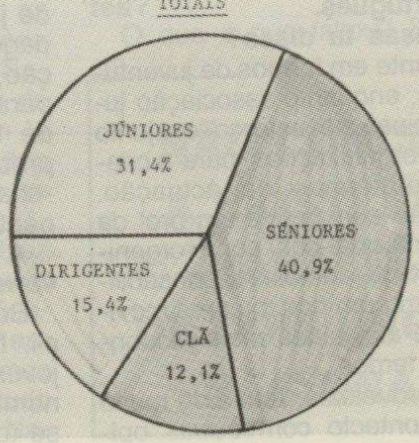




GRÁFICOS DE PRESENÇAS NO 17º ACAMPAMENTO NACIONAL

PERCENTAGENS POR DIVISÕES - JÚNIORES
- SÉNIORES
- CAMINHEIROS
- DIRIGENTES





JOÃO PAULO II: UM PAPA ESCOTEIRO

15 000 jovens italianos dos 16 aos 20 anos reuniram-se de 2 a 10 de Agosto em Abruzzes, a 80 quilómetros de Roma, para viverem juntos uma experiência fascinante.

Não se tratava duma reunião sindical ou duma reunião de juventude política, mas tratava-se da maior **Caminhada Nacional** que jamais tinha sido organizada pela AGESCI, a Associação escotista e guidista italiana.

Esta actividade era especialmente dedicada a caminheiros e tinha como objectivo durante a parte móvel do campo, viver uma experiência única, de compreender a realidade que eles atravessavam, de comunicar para confrontar as suas experiências e adquirir um só sentimento a partir da mesma realidade.

Os participantes tiveram ocasião de comparar os ambientes de origem (cidade, escola, trabalho, família . . .) através da festa, da gastronomia, de representações, de jogos, de questioinários, de discussões, de acções, tendo mesmo oportunidade de se confrontarem através de meditações e reflexões religiosas que lhes foram proporcionadas.

Depois das primeiras descobertas, os jovens encontraram-se num espaço maravilhoso que fazia parte dum parque natural. Uma cidade de tendas foi então erguida, sem que fosse posto em causa o equilíbrio ecológico do local, graças à utilização de modernas técnicas e à notável disciplina por parte dos caminheiros.

Uma vez no terreno, os jovens puderam então prosseguir as suas reflexões, com a ajuda de técnicos exteriores ao movimento, abordando temas como: ambiente e recursos, igreja, trabalho e economia, marginalização, informação e comunicação, política e internacionalismo, homem-mulher. Os jovens participaram, trocaram ideias, colocaram questões, nas discussões nas mesas-redondas, nos ateliers. Graças à ajuda dos técnicos e à preparação dos caminheiros, as discussões e as questões foram de um nível extraordinário.

Por fim, um elemento bastante interessante do encontro, foi o facto do Papa João Paulo II ter vindo celebrar missa para os 15 000 jovens. Depois da missa o Papa dirigiu-se de forma informal à assembleia, testemunhando desta forma a sua simpatia pelo movimento escotista.

Na ocasião foi entregue a João Paulo II um lenço de Gilwell.

Uma actividade deste género representa para todos quantos nela participaram uma experiência verdadeiramente estimulante.

Chapéus fora para a AGESCI que tornou possível esta importante iniciativa, para jovens duma divisão que habitualmente são esquecidos no nosso Movimento, os caminheiros.

Europe Information



João Paulo II
COM OS ESCOTEIROS
NA IMPRENSA
ESCOTISTA
ITALIANA

TRIPULAÇÃO DO «CHALLENGER» INCLUÍA ANTIGOS ESCOTEIROS

Três dos sete membros da tripulação que encontraram a morte durante a explosão da nave espacial «CHALLENGER» haviam sido escoteiros e guias.

Quando jovem, Lt. Col. Ellison S. Onizuka, em Howlua, Hawai, conseguira atingir o nível de «Eagle Scout», a última etapa dentro do progresso pessoal no Movimento Escotista Americano para Rapazes.

Dr. Ronald E. McNair obtivera o nível de «Star Scout» em Lake City, Carolina do Sul.

Christa McAuliffe, a primeira professora seleccionada para um voo no espaço, fora uma Chefe das Guias Americanas.

Numa entrevista, Onizuka confidenciara a dirigentes escoteiros: «A auto-confiança que fui adquirindo durante o meu progresso escotista, contribuiu, mais do que qualquer coisa, de trilhar a carreira na qual me encontro actualmente e no sucesso obtido até hoje».

Dos 157 pilotos e cientistas seleccionados como astronautas desde 1949, mais de 90 haviam sido escoteiros ou se encontravam no activo.

Os escoteiros já obtiveram até hoje, cerca de 70 000 especialidades (brevets) de «Exploração do Espaço» que faz parte do progresso pessoal do Movimento Escotista Americano.

Em 1969, uma insígnia do Escotismo Mundial foi transportada para a lua pelos astronautas do «APOLO XI». Neil Armstrong, o primeiro homem a poisar o pé na lua fora Chefe de Escoteiros e também «Eagle Scout».

COIMBRA

ESCOTEIROS CINÉFILOS

Escoteiros na distribuição e projecção de filmes. É verdade, os grupos de escoteiros da Figueira da Foz, durante os meses de Julho e Agosto, apoiaram uma iniciativa da Câmara Municipal da Figueira da Foz, através da distribuição e projecção de filmes comerciais.

Os filmes foram projectados no cinema Abadias, e os escoteiros levaram à tela filmes como o «Esplendor na Relva», «A Turma dos Repetentes», «A Vingança da Pantera», entre outros.

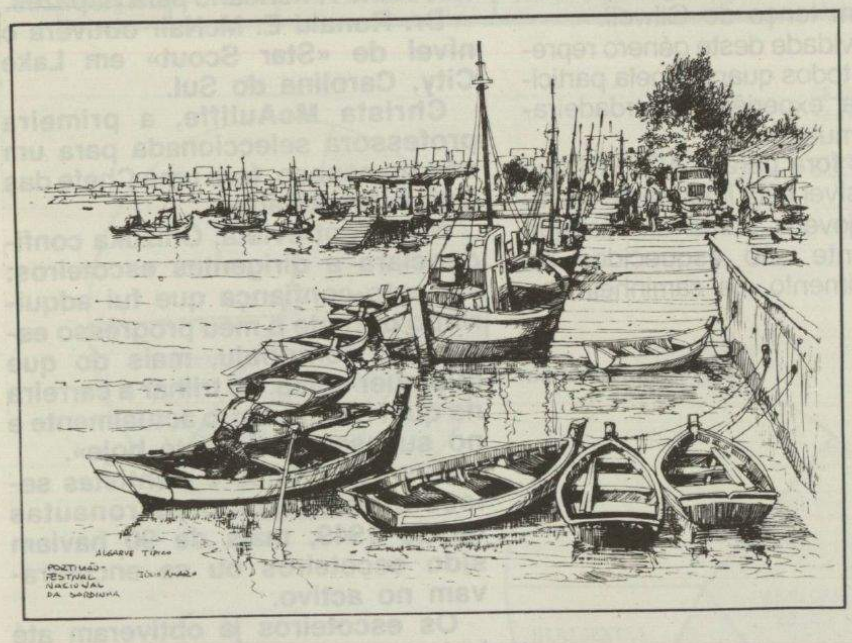
Segundo o dirigente Pedro Ramos, a afluência de público foi bastante razoável e espera-se que a iniciativa se repita no próximo ano.

◆



FARO

BARCO NOVO EM PORTIMÃO



OS ESCOTEIROS MARÍTIMOS DE PORTIMÃO DECLARAM QUE O POSSUIDOR DESTE CERTIFICADO, ESTEVE NO FESTIVAL NACIONAL DA SARDINHA, E QUE AO ADQUIRI-LO, CONTRIBUIU PARA A COMPRA DE UM BARCO, NECESSÁRIO ÀS SUAS ACTIVIDADES NÁUTICAS.

AGRADECEM SENSIBILIZADOS

DIPLOMA DA FESTA NACIONAL DA SARDINHA

Decorreu de 7 a 22 de Agosto, o II Festival Nacional da Sardinha organizado pela Câmara Municipal de Portimão

O Grupo 86, associou-se a esta iniciativa com o trabalho dos seus escoteiros. Foi assim que entre outras tarefas, os escoteiros estiveram responsáveis pelo posto de socorros do certame. Segundo o nosso correspondente, foram socorridas cerca de 44 pessoas, duas das quais foram evacuadas para o Hospital Distrital de Portimão.

A cargo dos escoteiros esteve também a venda do certificado de presença no festival, que tanto agradou aos estrangeiros. Com os fundos obtidos neste acontecimento algarvio, este grupo marítimo adquiriu uma embarcação em fibra de vidro, com capacidade para 7 pessoas. O barco com motor, terá o nome de «Cartuxa».

PORTO

ACAMPAMENTO REGIONAL DO PORTO

De 9 a 13 de Julho, conforme o Programa de Actividades da Região do Porto, estiveram acampados na Quinta do Covelo os grupos 4, 17, 18, 21, 35, 38, 43, 44, 58, 91, 116 e 133, num total de 119 escoteiros, além dos Escoteiros-Chefes Nacionais-Adjuntos Arnaldo Couto e Manuel Teixeira, bem como a 2.ª Companhia de Guias de Leça de Palmeira.

Tudo aconteceu conforme o previsto, tendo os escoteiros disfrutado de maravilhosos dias de Verão e de longas horas de sã camaradagem escotista.

Este acampamento teve a faculdade de estar localizado dentro da cidade do Porto, o que permitiu uma grande afluência de familiares e amigos que foram ao acampamento apreciar os trabalhos feitos pelos escoteiros.

É de lamentar a actuação dos escoteiros no Fogo de Concelho, pois além de só apresentarem números muito usados notou-se uma falta de conhecimento das canções escotistas. Por esse motivo se torna necessária a máxima união de todos os escoteiros para dar maior amplitude às nossas tradições.

Não há dúvida de que todos teremos de arregaçar as mangas e fazer andar a roda para a frente! Quem não quizer que fique para trás ou que tenha a ombridade de dar lugar a outros que possam ajudar a fazer andar a roda — mas que não haja lugar para apatias!

◆

AÇORES

AÇOR – ESCOTIS 86

Realizou-se de 7 a 15 de Julho o acampamento AÇOR — ESCOTIS 86 no parque de campismo da Urzelina, na Ilha de S. Jorge. Esta actividade teve como principal objectivo o intercâmbio entre grupos na nossa Associação situados naquela ilha do Arquipélago dos Açores e reuniu elementos do grupo 121 da Calheta e 127 de terra Chã.

Durante o acampamento as principais actividades realizadas foram o torneio de pesca desportiva, um torneio de futebol denominado de «Moniz Silva» e visitas de estudo ao parque florestal Sete Fontes — Rosais — Velas.

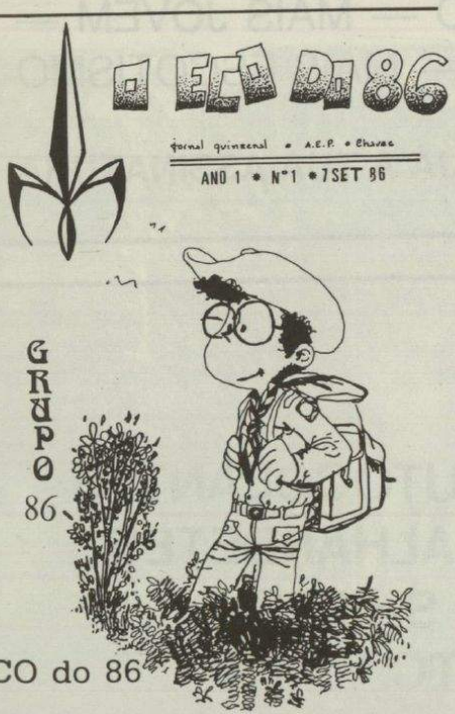
LISBOA

FRATERNAL ENLUTADA

Doença imperdoável tirou do nosso convívio, no passado dia 19 de Julho, Beatrice Peten de Pina Prata, secretária internacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, contava 52 anos e era casada com o professor universitário, Francisco Xavier Pina Prata.

Toda a vida fiel aos princípios escotistas, Beatrice ingressou no movimento como avezinha, ocupando à data da sua morte o cargo de Secretária das Relações Internacionais da FAEP.

CHAVES



ECO do 86

Do Grupo 86 de Chaves, acabamos de receber mais um trabalho jornalístico: O ECO do 86.

O jornalito em formato A3, tem 12 páginas e apresenta um excelente aspecto gráfico.

No seu interior pode-se ler uma reportagem sobre o XVII ACNAC, conselhos de saúde, um artigo sobre montanhismo, entre outras notícias.

Esperemos que o número 2 saia para a rua e que o hábito dos jornais pegue pelos grupos do núcleo de Chaves. Que bom seria!

7.º ACAMPAMENTO DO AR

Integrado nas comemorações do Dia da Força Aérea realizou-se, nos dias 27 e 30 de Junho, o 7.º Acampamento do Ar, dedicado aos filhos do pessoal militar e civil daquele ramo, o qual teve lugar na mata dos Marrazes, nos subúrbios de Leiria.

Estiveram presentes elementos de 27 agrupamentos e grupos, num total de 186 escoteiros, em representação da AEP e do CNE.

Das actividades programadas pela equipa coordenadora salienta-se um gesto de gratidão à cidade do Lis, através de um Fogo de Concelho, tendo a tradicional fogueira sido acendida pelo Brigadeiro Pilar Vasquez, 2º Comandante do COFA, a quem não foram regateados aplausos pelo facto de o ter conseguido com um único fósforo, segundo o tradicional costume escotista. Esta animação foi fortemente ovacionada por várias centenas de pessoas que assistiram e seguiram interessadas as peripécias e momentos de reflexão ali apresentados.

Houve muitos jogos tradicionais, desde as pistas à descoberta, vividos pelos jovens com entusiasmo, onde se conseguiu pôr à prova toda a capacidade de levar por diante objectivos de formação de carácter, segundo o espírito de B-P. A cidade de Leiria e o Ano Mundial da Paz foram os temas propostos para todas as actividades desenvolvidas, não faltando um Forum onde o tema da PAZ foi debatido pelos caminheiros presentes. De salientar o espírito de equipa que foi criado nos Caminheiros, nada fazendo crer que pertenciam a duas organizações distintas e que foram o corolário de tudo o que se passou neste acampamento, verdadeiramente modelar no sentido de nada ter existido de divisionista ou de rivalidade.

Foi efectuada uma visita à Base Aérea n.º 5, em Monte Real, tendo esta sido vivida pelos jovens com muito entusiasmo, até porque puderam assistir a um mini-festival proporcionado pelos aviões A7-F CORSAIR, que levou todos ao rubro.

No domingo, dia 29, foi celebrada Missa de Campo, presidida pelo capelão-chefe da Força Aérea e pelo assistente regional de Lisboa do CNE.

Na hora da partida todos cantavam «uma doce esperança devoltar» com um ar de alegria estampado no rosto e partiram com a esperança de voltar para o 8.º ACAR.

◆

ESTREMADURA

GRUPO 93 DE SINTRA DE PARABÉNS

A 24 de Junho de 1986, às 19 horas, a estação da CP, em Sintra, começou a ser invadida por escoteiros uniformizados. Nada de mais natural, pois todos os sábados aí passam. Mas, desta vez, não se tratava de uma reunião de grupo normal. O objectivo desses jovens, de lenço azul e amarelo, era outro.

O grupo 93 estava em festa! Toda a sede estava iluminada e, quando alguns elementos do grupo se encontravam a ultimar os preparativos das comemorações, eis que se ouve uma fanfarra: era a fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Sintra que, celebrando o seu aniversário no mesmo dia, teve a amabilidade de formar em frente à sede do grupo e executar a música de «Parabéns».

Estiveram presentes nestas comemorações o grupo 122 de Mira-Sintra e o grupo 82 de Algueirão, ambos da AEP, bem como o agrupamento 625 de Rio de Mouro e 75 do Estoril, em representação do CNE.

Depois do alegre convívio entre actuais e antigos escoteiros com os convidados, seguiu-se a parte mais séria e importante — os Compromissos de Honra e Investiduras de Dirigentes.

Depois de arreada a bandeira finalizou esta actividade do Grupo 93, que contou com a presença de 60 pais e 100 escoteiros.

ACTIVIDADE NO CASTELO DOS MODELOS

Os escoteiros do Conselho de Sintra levaram a efeito nos dias 12, 13 e 14 de Setembro, uma actividade de limpeza no Castelo dos Mouros.

Esta actividade foi programa por uma patrulha Inter-Associativa composta por dois dirigentes da AEP e dois do CNE.

Estiveram presentes nove grupos e agrupamentos num total de mais de 120 escoteiros. Os melhoramentos efectuados no Castelo foram:

Limpeza das eras dos muros e ameias, com reconstrução de um muro derrubado.

Limpeza e desbravamento dos caminhos interiores do Castelo.

Espalhamento de saibro nos principais acessos interiores.

A actividade foi patrocinada pela Câmara Municipal de Sintra e em conjugação de esforços com os Serviços Florestais. Tivemos ainda o apoio do Quartel da Carregueira que para o efeito lá fez deslocar quatro homens e uma cozinha de campo que confeccionaram toda a alimentação do acampamento.

Esta actividade vem na sequência de outras, já efectuadas, e têm em vista um maior enriquecimento do movimento através de uma grande troca de experiências, reforçando o espírito de unidade que nos une. É também pôr o escotismo ao serviço do meio ajudando na protecção e conservação do Património do Concelho.

É A BRINCAR...

Desde muito cedo que a criança se interessa pelos objectos que a rodeiam: não por aquilo que representam mas porque o seu contacto lhe permite um desenvolvimento sensorial e a realização de exercícios de adaptação motora. O desenvolvimento sensório-motor é, durante os primeiros anos do ser humano, o desenvolvimento psíquico fundamental.

A partir dos três anos, quando a criança sente a necessidade de viver num mundo que ela constrói de acordo com a sua fantasia, os brinquedos adquirem um significado muito especial. Com eles imita o mundo real e aprende a viver nele. Possuir o objecto que existe no mundo do adulto é de tal modo imprescindível que, na sua falta, a criança o fabrica com as suas mãos: o barco feito de um pedaço de madeira ou de cortiça; o avião de papel; a espada de cartão ou de pau; o automóvel que não passa de um caixote e tem como volante a tampa de uma panela; as caricas que alinhadas se transformam num imenso comboio, dentro de um rectângulo são jogadores do clube favorito, e formam um público entusiasta.

Um tal universo agrada à criança porque ela fá-lo à sua dimensão, altera-o à sua vontade, põe-no ao seu serviço. É através da sua criação imaginativa que manifesta os seus desejos, as suas inclinações, os seus sentimentos; é a brincar que se exprime, despertando desse modo a sua inteligência e ao mesmo tempo exercita a imaginação.

INTELIGÊNCIA E IMAGINAÇÃO

As crianças de hoje irão, num futuro próximo, lidar com conhecimento em rapidíssima progressão e manipular instrumentos completamente novos, ainda não concebidos. A inteligência, a imaginação e a criatividade serão, mais do que nunca, as ferramentas indispensáveis e é fundamental que tais faculdades sejam privilegiadas na aprendizagem.

Adaptar os brinquedos e «conduzir» as brincadeiras dos mais pequenos tendo em vista o homem do futuro, é, no primeiro nível etário, um dos principais factores de progresso, tão importante como os cuidados sanitários e o crescimento harmonioso. É a brincar que a criança aprenderá a viver no amanhã.

CAMPANHA DE NOVOS ASSINANTES DO TEU JORNAL

NOME: _____

MORADA: _____

_____

CÓDIGO POSTAL: _____ Telf.: _____

VALOR ANUAL: 480$00

ENVIAR PARA:

SEMPRE PRONTO

TRAV. DAS GALEOTAS, 1
1300 LISBOA

* MAIS INFORMAÇÃO — MAIS JOVEM — MAIS AVENTURAS — MAIS ESCOTISMO

COLABORA, FAZENDO JÁ A TUA ASSINATURA



AUTOCOLANTES
GALHARDETES
T-SHIRTS
ETC.

serigráfica
SERIGRAFIA

R: JOSÉ DA SILVA ANACLETO, Nº4 C/V
TEL. 24427 2560 TORRES VEDRAS